
Trabalho escravo *prêt-à-porter*: vozes no discurso jornalístico sobre a indústria da moda¹

Ana Clara Custodio Dias²

Kalliandra Quevedo Conrad³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Com base teórico-metodológica na Análise do Discurso, este trabalho teve como objetivo realizar uma análise das vozes presentes no discurso jornalístico sobre a indústria da moda. A partir da seleção e análise de 6 peças de mídias hegemônicas e alternativas, foi identificado um discurso polifônico, composto por diversos locutores e, principalmente, dois enunciadores: um que critica as ações da indústria da moda e outro condizente com a exploração trabalhista no setor em questão.

PALAVRAS-CHAVE: indústria da moda; trabalho escravo; análise do discurso; jornalismo.

INTRODUÇÃO

A escravização e a exploração do trabalho tem sido um pilar para o funcionamento do capitalismo em seu estado atual. Dados de 2020 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostram que mais de 50 mil pessoas foram resgatadas de situações análogas à escravidão desde 1995 no Brasil. No contexto urbano, a indústria da moda é a responsável pela maioria dos casos de escravização e exploração trabalhista de uma mão de obra massivamente feminina (Jornal da Unesp, 2021). Apesar dos dados, no entanto, essa temática está pouco presente nas pautas dos veículos de jornalismo, aparecendo sempre acompanhada de uma justificativa econômica, levando a um questionamento sobre quais são as vozes que constroem sentidos sobre as ações da indústria da moda.

Benetti afirma que o discurso jornalístico é idealmente polifônico, visto que o jornalismo é, em essência, um "campo de interação" (2006, p. 6). Interação que, segundo a autora, ocorre entre jornalistas, instituições, leitores e outras vozes. Nessa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Cultura no PPGCOM-UFPR, e-mail: anaclaradias.custodio@gmail.com.

³ Docente no Departamento de Linguagens e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e-mail: kconrad@professores.utfpr.edu.br.

lógica, a realidade observada e relatada pelas mídias seria uma construção coletiva entre esses tantos atores, resultando em um discurso dialógico e intersubjetivo (BENETTI, 2006), mediado pelos meios de comunicação.

Partindo dessas reflexões, este artigo possui como temática o discurso jornalístico acerca da escravização na moda, objetivando encontrar as vozes presentes no meio jornalístico, os enunciadores e locutores que se expressam por meio da linguagem. O recorte da pesquisa é delimitado às mídias digitais no período de 2013 a 2022 – considerando o início a partir do desastre ocorrido em Bangladesh em abril de 2013, no qual o prédio Rana Plaza, que atuava como uma fábrica, desabou, resultando em mais de 1.000 mortes e 2.000 feridos.

São analisadas 6 produções jornalísticas de mídias hegemônicas e alternativas, de vieses políticos diferentes e de alcance nacional e regional, visando encontrar um discurso jornalístico, sem vinculação com organizações específicas. A seleção das peças que compõem o *corpus* foi definida com base em 6 critérios: plataformas digitais, mídias hegemônicas e alternativas, disponibilidade de acesso gratuito, abordagens e objetivos (das peças), alcance geográfico das organizações e popularidade dos veículos.

Ainda, a abordagem teórico-metodológica da presente pesquisa é a Análise do Discurso francesa, a qual pode ser definida como o campo da linguística que pretende entender como os sentidos são construídos considerando como seu cerne o próprio discurso e não a língua (ORLANDI, 2003). Os resultados encontrados estão centrados na presença de um discurso polifônico com dois enunciadores centrais, um que condena as ações da indústria da moda e um que é condizente com a exploração que ocorre no setor.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Análise do Discurso (AD) surgiu no final da década de 1960 na França com Michel Pêcheux, sendo uma abordagem com origem no estruturalismo, na psicanálise e no marxismo. Como afirma Orlandi (2003), a AD é voltada não para *o que* está sendo dito, mas *como* um determinado discurso é propagado. Isso é, um texto isolado não caracteriza um discurso; é preciso um contexto histórico, social, econômico, situacional, etc, para compreender uma certa fala. Com isso em mente, alguns dos principais elementos da AD são a intertextualidade, a qual afirma que não se cria um discurso novo e não existe forma de isolar um discurso, sendo a “relação de um texto com outros

textos” (p. 32, 2003); o sujeito, conceituado como uma posição, a qual pode ser ocupada por um indivíduo, uma organização, um coletivo social, etc; e a historicidade, sendo a história dos sentidos das palavras.

Um destaque para compreender a Análise do Discurso é a relação entre Ideologia, Discurso e Língua. A Ideologia, para Orlandi, é uma prática social significativa, resultado da interação entre História e Língua na formação de sentidos, sendo inata ao discurso por ser um elemento constitutivo dos sentidos e dos sujeitos. O Discurso, por sua vez, é a prática da linguagem, “o lugar em que se pode observar essa relação entre Língua e Ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 16). Já, a Língua é o trabalho simbólico que constitui a humanidade e a História, como mediação e significação, mas nunca como elemento neutro. Essa relação entre os três elementos se dá de tal forma que, segundo esclarece a autora, o Discurso é a materialidade específica da Ideologia e a Língua, é a materialidade específica do Discurso. Ou seja, a Ideologia, como prática significativa, é materializada pelo Discurso – entendido como prática da linguagem –, que é, por sua vez, materializado pela Língua.

Por fim, a análise das vozes possui como base as noções de locutor e enunciador trabalhadas por Benetti, que afirma, como mencionado anteriormente, que o “discurso jornalístico é, idealmente, polifônico”, visto que por ele circulam diversas vozes, como fontes, leitor e jornalista-indivíduo (BENETTI, 2007, p. 116). A doutora esclarece que, para realizar o mapeamento das vozes em um discurso, é preciso compreender as posições de sujeito ocupadas por diferentes indivíduos e a distinção entre locutor e enunciador: o locutor é aquele considerado responsável pelo que foi dito, enquanto o enunciador é a quem pertence o ponto de vista apresentado, havendo uma relação entre ambos a partir das posições que os sujeitos “vêm a ocupar” (BENETTI, 2007, p. 117).

METODOLOGIA

Para a elaboração da pesquisa, são realizados estudos sobre as principais teorias do jornalismo, considerando as possíveis abordagens ao longo do tempo e os elementos e gêneros que afetam a produção de textos jornalísticos. Em seguida, as pesquisas voltam-se para a diferenciação entre mídias hegemônicas e alternativas, visto que a conceituação de cada é importante para entender e estudar um *corpus* diverso.

As pesquisas seguintes focam na indústria da moda; mais especificamente, na exploração trabalhista por organizações do setor têxtil e de vestuário. Essa etapa está

organizada de forma a apresentar resumidamente a história da moda ocidental, os fatores sociais e tecnológicos que proporcionaram o crescimento dessa indústria, dados sobre trabalho análogo à escravidão no mundo e no Brasil, e a diferenciação entre moda rápida e moda sustentável.

A pesquisa exploratória, realizada e revisitada ao longo da pesquisa, foi base para elencar quais são os critérios de definição do corpus. Foram inicialmente pesquisadas 9 palavras-chave pelo buscador Google, levando a uma identificação de potenciais veículos para a composição do *corpus*. Em um segundo momento, uma outra investigação, no mesmo buscador, com as palavras-chave “moda + trabalho + escravo”, auxiliou em uma maior compreensão de quais veículos abordaram a temática no recorte temporal estabelecido. Por fim, a análise, efetivamente, está embasada na AD, esclarecida anteriormente.

ANÁLISES E CONCLUSÃO

No que tange às fontes utilizadas, a primeira impressão é de um discurso monofônico com vários locutores, os quais reforçariam os argumentos uns dos outros. Entretanto, algumas das fontes utilizadas evidenciam que há mais de um enunciador; é possível notar um esforço de apresentar os dois lados em disputa, *fast fashion* e *slow fashion*; na contagem de locutores, identificam-se de 5 a 8 fontes. Percebe-se uma dualidade nos comportamentos reativos ao acidente, que não por acaso explicita a presença de enunciadores diferentes.

Para além das fontes, outras duas questões que evidenciam a presença de múltiplos enunciadores são o deslocamento da culpa e a conivência com as decisões das empresas de moda rápida. Tem-se, em geral, matérias condenando a exploração de trabalhadores de forma explícita no material pesquisado; no entanto, existem diversos trechos nos quais é possível perceber um enunciador que acata ao sistema que produz e reforça o *fast fashion* e, por consequência, concorda com o mesmo. Em determinados enunciados, pode-se perceber nas reportagens a culpabilização dos funcionários escravizados pelas grandes empresas e facções de confecção de roupas. Ou seja, no lugar de ressaltar as infrações cometidas pelas empresas, são utilizados termos que implicam na responsabilidade dos trabalhadores pelas condições nas quais se encontram. No discurso jornalístico, portanto, há o enunciador que critica as empresas

de *fast fashion* por suas ações, mas há também o enunciador que culpa os funcionários, não as empresas, pelas condições de exploração.

Apesar de ser um discurso polifônico, por fim, há ainda um endosso e uma conivência com a escravização na indústria da moda presente no discurso jornalístico. A presença de um enunciador-denunciador, que condena as ações, é esperada quando se considera o contexto – um crime –, entretanto a presença de um enunciador-condizente, o qual efetivamente torna o discurso polifônico, vêm a ser danosa na contagem final, visto que o discurso sendo propagado culpabiliza as vítimas da indústria, perpetuando sentidos criados por uma ideologia neoliberal e propositalmente reforçados pelas marcas de moda rápida.

REFERÊNCIAS

DESABAMENTO em Bangladesh revela lado obscuro da indústria de roupas, **BBC News Brasil**, 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/04/130428_bangladesh_tragedia_lado_obscuro>. Acesso em: 08 de set. de 2022.

Inspecção do Trabalho (SIT), Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Atuação da Inspecção do Trabalho no Brasil para a Erradicação do Trabalho Análogo ao de Escravo: Balanço 2020**. Disponível em: <<https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretaria-de-trabalho/inspecao/areas-de-atuacao/relatorio-2020-sit-oit-1.pdf>>.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO, Márcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 14, 1-11 janeiro/junho 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

VILAS BOAS, Patricia, TALARICO, Paulo. A Grande São Paulo tem imigrantes em trabalho análogo à escravidão, **Jornal da Unesp**, 2021. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2021/05/06/a-grande-sao-paulo-tem-imigrantes-em-trabalho-analogo-a-escravidao/>>.